



MIGRAÇÃO E PERIFERIZAÇÃO: O CASO DOS HAITIANOS EM GUAIANASES/SP E OS DESAFIOS DO PERTENCER

Adriana Capuano de Oliveira

Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da UFABC

adriana.oliveira@ufabc.edu.br

Erika Andrea Butikofer

Movimento Conviva Diferente. Mestranda em Ciências Humanas e Sociais na UFABC

erikabutikofer@gmail.com

Maura Pardini Bicudo Vêras

Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC/SP

mauraveras9@gmail.com

Resumo: O presente artigo discute alguns aspectos dos recentes fluxos migratórios que o Brasil vem recebendo ao longo dos últimos anos, com atenção especial à imigração haitiana. Evidencia-se que, mesmo o Brasil garantindo acordos de residência a migrantes de diversas nacionalidades e proporcionando visto humanitário aos haitianos, existem lacunas e contradições importantes sobre essa questão: de um lado, facilita a entrada das pessoas no país, de outro, dispõe de uma desorganização na implementação de políticas públicas que possam garantir estruturas de acolhida e inserção. Nesse sentido, procuramos compreender, a partir de uma análise particular na cidade de São Paulo, os processos de acomodação de imigrantes haitianos que saem de uma situação de moradia temporária na região central da cidade para habitarem em bairros periféricos, no caso desta pesquisa, em Guaianases. O estudo do contexto da organização desses migrantes neste bairro pode nos permitir participar do esforço feito por parte importante do campo das humanidades hoje de entender o lugar da diferença e da alteridade no mundo contemporâneo, podendo também representar uma projeção do que vem ocorrendo em outros centros urbanos do país. Ainda, dialoga diretamente com o problema das novas diásporas e seus múltiplos desdobramentos nos ordenamentos legais e nos contextos locais.

Palavras-chave: migração haitiana, periferia, alteridade.

MIGRATION AND PERIPHERALIZATION: THE CASE OF HAITIANS IN GUAIANASES / SP AND THE CHALLENGES OF BELONGING

Abstract: This paper discusses some aspects of the recent migratory flows that Brazil has received over the last years, specially the Haitian migration. During the last decades, Brazil has guaranteed residence agreements for immigrants of different nationalities and providing humanitarian visas to Haitians, even so, there are important gaps and contradictions on this issue: on the one hand, it facilitates the entry of people into the country, on the other, it has a disorganization in the implementation of public policies that can guarantee structures of welcome and integration. In this sense, we try to understand, from a particular analysis in the city of São Paulo, the accommodation processes of Haitian immigrants who leave a temporary housing situation in the central region of the city to live in peripheral neighborhoods, in the case of this research, Guaianases. Such a study can allow us to participate in the effort made by an important part of the humanities field today to understand the place of difference and alterity in the contemporary world. It may also represent a projection of what has been



occurring in other urban centers. Still, it directly dialogues with the problem of the new diasporas and its multiple unfoldings in legal systems and local contexts.

Keywords: Haitian migration, periphery, otherness.

MIGRACIÓN Y PERIFERALIZACIÓN: EL CASO DE LOS HAITIANOS EN GUAIANASES / SP Y LOS DESAFÍOS DE LA PERTENENCIA

RESUMEN: Este artículo discute los flujos migratorios que Brasil viene recibiendo en los últimos años, con especial atención a la migración haitiana. Se evidencia que, mismo Brasil, garantizando acuerdos de residencia a inmigrantes de diversas nacionalidades y proporcionando visa humanitaria a los haitianos, existen contradicciones importantes sobre esta cuestión: por un lado, facilita la entrada de las personas en el país, por otro, dispone de una desorganización en la implementación de políticas públicas que aseguren su acogida e integración. En este sentido, buscamos comprender, a partir de un análisis particular en la ciudad de São Paulo, los procesos de acomodación de haitianos que salen de una situación de vivienda temporal en la región central de la ciudad para habitar en barrios periféricos, en este caso, en Guaianases. El estudio del contexto de la organización de esos inmigrantes en este barrio puede permitirnos participar del esfuerzo realizado por parte importante del campo de las humanidades hoy de entender el lugar de la diferencia y de la alteridad en el mundo contemporáneo, pudiendo también representar una proyección de lo que ocurre en otros centros urbanos del país. Todavía, dialoga directamente con el problema de las nuevas diásporas y sus múltiples desdoblamientos en los ordenamientos legales y en los contextos locales.

Palabras-clave: migración haitiana, periferia, alteridad.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa discutir alguns aspectos dos recentes fluxos de imigração que o Brasil vem recebendo ao longo dos últimos anos, mais especificamente ao longo da última década, a fim de problematizar questões que envolvem os processos de inserção desses novos contingentes migratórios. Para tanto, propõe-se a fazer uma análise de um contexto migratório específico – a recente migração haitiana para o país – tornando-a exemplar de um processo de periferização dos novos fluxos migratórios nos grandes centros urbanos do país. Esse cenário é palco de uma discussão mais ampla, situada na dimensão contraditória de que, muito embora o Brasil garanta acordos de residência a migrantes de diversas nacionalidades e proporcione vistos humanitários a haitianos e mais recentemente à cidadãos venezuelanos também, o país não consegue assegurar uma inserção plena dessas pessoas à sociedade brasileira. Ou seja, de um lado, ofertamos uma abertura na entrada de estrangeiros no país considerada uma das mais modernas e inclusivas, e de outro, dispomos de uma falta de organização institucional de políticas públicas



que abarque com sua recepção, acolhida e efetiva participação dessas pessoas na sociedade brasileira.

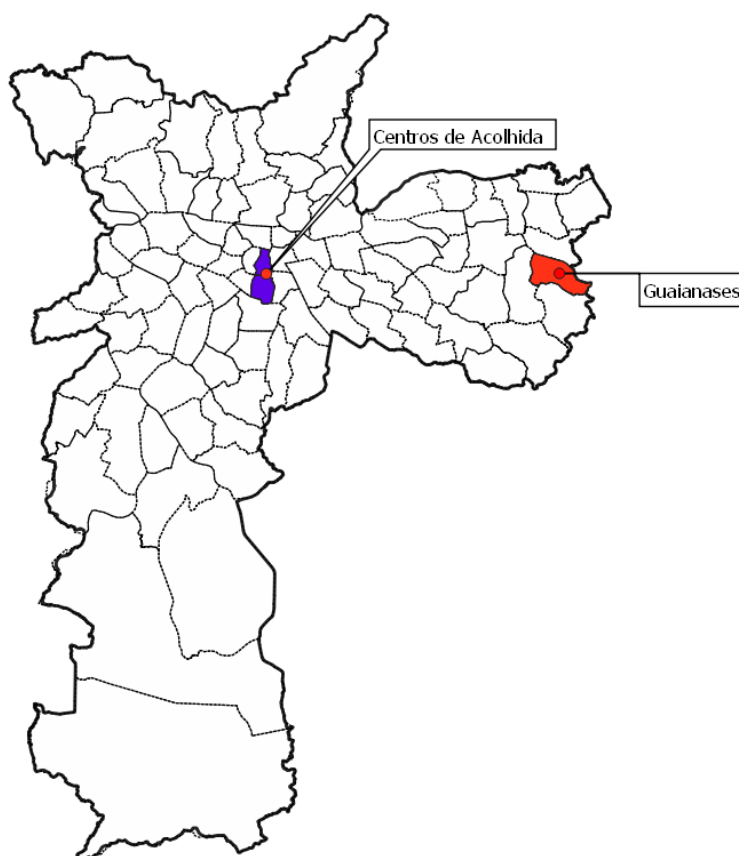
Nesta perspectiva, aborda-se o caso de uma migração bastante representativa da questão acima, a migração haitiana na cidade de São Paulo. Bastante expressiva na cidade desde o ano de 2014, podemos afirmar que essa migração tem passado por um processo de inserção que corre paralelo a sua periferação no território da metrópole. Ou seja, a chegada da migração haitiana em São Paulo ainda em um primeiro momento (2010-14) estava muito condicionada a uma recepção em centros de acolhida de origem confessional, tais como a Cáritas Arquidiocesana de São Paulo e a Missão Paz, ambos na região central da cidade de São Paulo (figura 1). Esses centros de acolhida, embora sejam muito importantes como um ponto de referência e recepção desses imigrantes quando eles chegam ao país, são essencialmente temporários, destinados sobretudo a um primeiro acolhimento. Sabe-se que, como parte do processo de pertencimento a uma nova sociedade, almeja-se que o imigrante consiga ter condições de estabelecer agência sobre sua própria vida e a de seus familiares, e neste sentido, estabelecer-se com moradia digna que o possibilite usufruir dos meios e recursos que o espaço público oferece, permitindo igualmente a criação de novos vínculos com a comunidade local e, efetivamente, uma inserção a mais plena possível.

Após os primeiros meses de entrada na metrópole, entretanto, dada as condições um tanto quanto limitadas de inserção através de políticas públicas oferecidas pelo Estado, por um lado, e pela condição econômica que o país vem enfrentando ao longo de uma recessão econômica que já contabiliza alguns pares de anos ininterruptos, grande parte destes imigrantes ainda não se encontra em condições de se estabelecer nas regiões mais centrais da cidade, onde existe uma maior oferta de infraestrutura e mesmo oportunidades de emprego. Com o intuito de buscarem a independência e estabilização de suas vidas no Brasil, buscam bairros bastante periféricos onde podem encontrar melhores possibilidades de moradia em termos de custo benefício e, preferencialmente, onde podem encontrar também acesso a meios de transporte público que os permitam transitar pelas regiões centrais da cidade, onde as ofertas de emprego e serviços são mais presentes e abundantes. Nestes caso, as linhas férreas, o trem, tem se mostrado um importante elemento de escolha e distinção entre locais periféricos e/ou distantes do centro da cidade de São



Paulo, como é o caso que será desenvolvido aqui, no bairro de Guaianases (Figura 1), no extremo leste da cidade de São Paulo¹. Essa mesma condição se dá igualmente outras regiões da Grande São Paulo, como o bairro de Utinga no município de Santo André, onde o acesso à linha férrea também foi fator essencial para o desenvolvimento da comunidade haitiana naquele local.

Figura 1: Mapa da cidade de São Paulo - o bairro de Guaianases e os centros de acolhida



Fonte: Elaborado pelas Autoras.

Destarte, Guaianases, palco principal deste artigo, nos permite abordar questões que envolvem as dimensões de alteridade, pertencimento e periferização. A partir desse caso específico, busca-se compreender melhor o panorama das novas migrações no Brasil e sob quais modelos de inserção esses novos fluxos estão compondo um novo desenho nos centros urbanos brasileiros, com seus avanços, retrocessos e contradições. Por fim, coloca-se a possibilidade de que esta análise

¹ A distância entre a região central da cidade (onde ficam os centros de acolhida mencionados acima, Cáritas Arquidiocesana de São Paulo e Missão Paz) e o bairro de Guaianases é de aproximadamente de 30 km.



possa ser ampliada como uma forma de pensar processos semelhantes em outras regiões urbanas do país.

O artigo se desenvolverá descrevendo inicialmente um breve panorama das migrações no Brasil e no mundo, com ênfase na questão da imigração haitiana para o Brasil, a fim de contextualizar a temática, tão somente. A partir desse contexto prévio, versará sobre as questões mais específicas dos processos de periferização e de amplas desigualdades territoriais dos grandes centros urbanos brasileiros, a exemplo da cidade de São Paulo, pautando, desta forma, a intrínseca relação entre território e migração. Na terceira e última parte deste artigo, um olhar específico sobre o bairro de Guaianases e sua relação com as diversas (i)migrações recebidas ao longo dos séculos, dando voz a um relato de campo envolvente e instigante que dialoga diretamente com as dimensões conceituais abordadas anteriormente, e evoca tantas outras como a ideia de etnopaisagens (APPADURAI, 1996), a fim de compor o cenário de uma reflexão mais abrangente sobre essas novas migrações internacionais no contexto da cidade de São Paulo.

UM POUCO SOBRE OS RECENTES FLUXOS MIGRATÓRIOS NO BRASIL E NO MUNDO – O CASO DA MIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL

Temos visto que a mobilidade humana recentemente tornou-se um dos grandes temas de atenção no campo das relações internacionais, sociologia, antropologia, economia, psicologia, dentre outros. Condição extremamente delicada e tênue, os constantes e crescentes deslocamentos (sejam eles por motivações econômicas ou de emergência) e a crise humanitária que temos vivenciado ao longo desta última década impõe sobre nós a urgência de reflexão sobre essa temática em seus mais variados aspectos. Chegamos à cifra de 244 milhões de migrantes internacionais, muitos destes fluxos migratórios são qualificados como deslocamentos forçados e internos, gerando atualmente 22,5 milhões de refugiados e 2,8 milhões de solicitantes de refúgio². De acordo com o relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), no ano de 2016, 1 em cada 113 pessoas no

² Para maiores informações, Ver: COURY, Paula; MILESI, Rosita. Apresentação. Caderno de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania, Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos, v. 12, n. 12, p. 10, 2017.



mundo, tiveram que abandonar suas casas por conflitos de diferentes tipos (idem, 2016).

Dentro desse cenário, a União Europeia vem criando barreiras para que migrantes não possam nem sequer chegar em seus territórios. Em 2016, à título de exemplo, a Inglaterra destinou o equivalente a R\$8 milhões na construção de um muro de 1 km de extensão, em Calais, para reter a entrada de imigrantes que atravessam a fronteira pela cidade francesa. Ainda nesse mesmo ano, nos Estados Unidos, Donald Trump ganhou as eleições presidenciais, pelo Partido Republicano, realizando uma campanha direcionada à intolerância com os imigrantes: ofendeu os muçulmanos, os imigrantes mexicanos, e endossou o discurso da política dos muros. Cercas de arame farpado são levantadas em diversas partes do mundo. Áustria, Itália, Irã, Paquistão e Índia são alguns dos países que seguem esse modelo anti-imigração.

Stephen Graham, ao longo de sua obra *Cidades sitiadas: o novo urbanismo militar*, descreve como os pensamentos de direita contemporânea associam as ideias de terrorismo aos imigrantes/refugiados. Cria-se, nessa lógica, um processo de armamentização para combater a migração indesejada. Assim, no Ocidente, o urbanismo mili, opera com os sistemas de vigilância de alta tecnologia para estabelecer quem pode ou não entrar nos seus territórios/países. Os imigrantes e, em especial, os refugiados, são qualificados como pessoas que confrontam às normas dos Estados Nacionais. De modo geral, são tratados como sujeitos que não devem receber uma acolhida inclusiva. Sem políticas de migração que visem sua inserção na sociedade receptora, os imigrantes ficam confinados em campos de refugiados ou em locais periféricos, distantes dos centros das grandes cidades, uma vez que são tidos como ameaçadores e indignos de estarem em territórios que não são os seus de origem.

Graham considera ainda que os espaços, a infraestrutura, tanto quanto os aspectos culturais da vida na cidade não são triviais, e carregam neles um viés de pensamento organizador para a construção da “nossa segurança”. Esses aspectos estão presentes, segundo o autor, nas metrópoles como nas zonas fronteiriças.

No relatório Refúgio em números – 3ª edição, 2018, idealizado pelo Comitê Nacional para os Refugiados(CONARE) e Secretaria Nacional de Justiça, constata-se que o número de pessoas deslocadas e refugiadas cresce ano após ano, no âmbito global, em 2018, chegamos a ter 68,5 milhões de pessoas nessa situação (CONARE;



SNJ, 2018). No Brasil, em 2017, reconhecemos solicitantes de refúgio principalmente de pessoas originárias da Venezuela, Cuba e Haiti. Seguidas em termos quantitativos por: Angola, China, Senegal, Síria, Nigéria, Bangladesh, República Democrática do Congo, Guiné Bissau, Guiné, Paquistão, Líbano entre outros. Mas, quando nos atemos no reconhecimento na condição de refugiado no Brasil, no mesmo ano, percebemos que os países que se destacam são outros. Síria vem em primeiro lugar, seguida respectivamente da República Democrática do Congo, Palestina, Paquistão, Egito, Iraque, Mali, Líbano, Camarões, Guiné e outros. Ainda nesse mesmo ano, tínhamos reconhecidos 10.145 refugiados, porém, somente um pouco mais da metade deles residia no Brasil.

Ao verificar os dados obtidos no relatório do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) e da Secretaria Nacional de Justiça (SNJ), com o propósito de apresentar um panorama geral do contexto brasileiro, constatamos o recebimento de 126.102 pedidos de solicitação de refúgio, nos últimos 7 anos, obtendo os maiores picos de pedidos nos anos de 2014, 2015 e 2017. Venezuela (33%), Haiti (14%) e Senegal (13%) representam as nacionalidades com maiores pedidos em trâmite. Apesar dos haitianos apresentarem uma quantidade expressiva de solicitantes de refúgio, apenas dois haitianos, até hoje, obtiveram a condição de refugiados concedida (CONARE; SNJ, 2018). Os anos de 2013 a 2015 foram os que configuraram altos índices de pedidos de refúgio solicitados por haitianos. A concessão do visto humanitário apresentou-se como uma resposta insuficiente, contudo, facilitadora da entrada dessa população no país.

A entrada de haitianos no país data de 2010³, quando a tragédia do terremoto no Haiti, em fevereiro daquele mesmo ano, ocasionou a morte de 200.000 pessoas e provocou cerca de 2 milhões de deslocamentos internos. Desde então, a presença haitiana no Brasil tem se tornado constante. Apesar de não serem considerados refugiados pelo entendimento do Estatuto de Refugiados, de 1951, o Conselho Nacional de Imigração (CNIg), por razões humanitárias, emitiu vistos de residência permanente aos haitianos. Embora exista todo um debate em torno da questão, por

³ Tratando-se da consolidação de um fluxo migratório haitiano, contabilizamos a partir desta data (2010). Há, contudo, estudos que referenciam a presença de haitianos no Brasil desde a construção da estrada Madeira-Mamoré, no início do século XX (COTINGUIBA; COTINGUIBA, 2015).



conta dos desastres naturais acontecidos no país, a migração haitiana pode ser conceituada como um deslocamento forçado.

Segundo dados do Itamaraty, em 2012 foram emitidos 1.255 vistos para haitianos, em 2015 o número foi para 20.548, e em 2016, 67 mil autorizações de residência no país, incluindo temporárias e permanentes, foram autorizadas. Em 2017, a Organização Internacional para as Migrações (OIM) e o Instituto de Políticas Públicas em Direitos Humanos (IPPDH) do Mercosul publicaram um estudo sobre a migração haitiana para o Brasil, Chile e Argentina. A partir dos dados por eles levantados, constatou-se que a migração haitiana dos anos 2014 a 2016 foi composta principalmente por familiares dos imigrantes instalados, no fluxo migratório anterior, entre 2010 a 2014.

Vale lembrar que naquele momento acontecem dois grandes eventos internacionais importantes no Brasil: a Copa do Mundo (2014) e os Jogos Olímpicos (2016). A escolha de haitianos pelo país tem como uma de suas razões as opções laborais que se apresentavam à época. Além disso, podemos considerar o próprio trabalho realizado pela Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH) como fator relevante para a escolha do Brasil como destino. Segundo Moraes; Andrade; Matos:

Atualmente, o Haiti encontra-se com o sistema político desorganizado, a economia destruída e a população desnutrida, padecendo com a rápida disseminação do vírus da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS e da bactéria *Vibrio cholerae*, a Cólera. Esse quadro de completa desesperança faz com que muitos haitianos optem por deixar o país com destino, principalmente para o Canadá, os EUA, a França, as Antilhas Francesas, a República Dominicana e o Brasil. [...] O Brasil se torna cada dia mais atrativo para os haitianos, pois a liderança na MINUSTAH, a presença de diversas Organizações Não Governamentais – ONGs brasileiras atuando de modo expressivo na ilha, tais como a Viva Rio, a *ActionAid*, a *K9 Creixell*, a Pastoral da Criança, a Diaconia, o Grupo de Apoio à Prevenção da Aids – GAPA, entre outras, os símbolos, a cultura, as referências e o crescimento econômico do Brasil fizeram com que o país seja visto simpaticamente pela população do Haiti.

As rotas tomadas para chegar ao Brasil podem ser diferentes. Iniciando-se desde a República Dominicana e Panamá, chegando a Equador e Peru. Em 2010, Equador e Peru, como também, Argentina e Chile, não pediam visto aos haitianos. Podemos, desta forma, dizer que as escolhas destes imigrantes haitianos sobre as trajetórias a serem adotadas devem-se a um cálculo onde somam-se as facilidades de entrada e do acolhimento nos países do trajeto e do destino final.



Ao adentrarem por Equador e Peru, seguem o resto da viagem por via terrestre. Em 2010, foi registrada a entrada de 200 haitianos no Brasil, no ano seguinte, esse número sobe para 4.000. Foi nesse momento que se gerou uma crise migratória nas fronteiras do Brasil, seja em Brasília na fronteira com Bolívia, ou em Tabatinga na divisa com Peru e Colômbia. Essa crise estendeu-se pelos anos seguintes, chegando ao seu ápice no ano de 2014, momento que ficou marcado com o episódio do recrutamento dos ônibus por parte dos municípios da fronteira norte em direção à cidade de São Paulo. Ganhava fôlego, a partir de então, a presença da migração haitiana na maior metrópole brasileira.

MIGRAÇÕES NO ESPAÇO INTRA-URBANO E PERIFERIZAÇÃO

Para a análise da presença imigrante nas regiões metropolitanas brasileiras, e notadamente em São Paulo, cabe retomar aspectos vitais na vida das cidades capitalistas contemporâneas, evocando suas determinações e consequências desdobradas em diversos ângulos como a questão da urbanização, da expulsão, da territorialidade, da segregação e da alteridade.

O processo de urbanização brasileiro, mais acentuado em meados do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, teve importante papel no desenvolvimento industrial e crescimento econômico do país, e foi por eles influenciado. Ao mesmo tempo, representou um quadro das graves desigualdades sociais trazidas pela aglomeração de trabalhadores nas cidades, pela pauperização e por processos de segregação dos mais pobres ou recém-chegados originados dos contrastes regionais, de porções esvaziadas e descapitalizadas brasileiras. Nesse sentido, cidades, principalmente da região sudeste do país, e São Paulo entre elas, cresceram impulsionadas por fluxos migratórios internos, predominantes após o citado período pós 1945, já que decresceu a proporção dos massivos fluxos internacionais havidos desde os finais do século XIX e no início do século XX.

A periferização parece ter profunda ligação com os fluxos migratórios, quer internos quer externos, pois são as regiões onde é acessível o custo de moradia suportável para aqueles desprovidos de renda para dar conta dos preços que envolvem habitar no solo capitalista. De maneira geral é precária a situação dos imigrantes nas cidades contemporâneas, pois estas são ambientes marcados pela



desigualdade do espaço, uma vez que o acesso à moradia e a localizações urbanas adequadas se faz pelos frios mecanismos do mercado de terras, equipamentos e infraestruturas e pela capacidade aquisitiva da população determinada pela desigual distribuição de renda do trabalho. Em um contexto metropolitano de profundas iniquidades sociais, portanto, é restrito o acesso a habitações adequadas, e particularmente em São Paulo, para parcelas consideráveis da população brasileira. Quando existe, esse acesso se deve pela implantação de políticas públicas escoradas na propriedade privada da terra e seus valores. Mesmo sendo um dispositivo constitucional (1988) a moradia adequada não é tratada como direito universal do cidadão e, para os imigrantes, a situação oferece ainda maiores obstáculos, dadas a precariedade de inserção no mercado de trabalho, a ideia da provisoriidade que acompanha os deslocamentos e, ainda as relações de alteridade e estranhamento para com estrangeiros, notadamente de culturas diferentes.

A questão habitacional, especificamente, merece no mínimo uma breve reflexão, pois, de um lado, representa a possibilidade de fixação em um território na sociedade receptora, certo ancoramento entre seus pares, lugar de pertencimento e identificação, uma “ponte”, espaço de passagem para sua adaptação às novas condições de vida; de outro lado, submetida a leis do mercado, a moradia é vista como mercadoria cara e custosa, apenas disponibilizada mediante critérios de renda, estabilidade de emprego, exigências documentais, o que restringe a possibilidade da maioria dos trabalhadores pauperizados ao seu atendimento, também atingindo os deslocados. Ademais, por vezes a concentração em um território determinado pode significar guetificação e conseqüente estigmatização, quando o pronome “nós” se torna perigoso na autodefesa e no fechamento a contatos externos.

Para o conjunto mais significativo da imigração – isto é, imigrantes e refugiados em situação socioeconômica vulnerável e provenientes de países pobres – aqueles que mais precisam trabalhar, estão fechados os canais legalizados de emprego, mesmo que temporários. A eles, apresentam-se saídas restritas e provisórias, abertas emergencialmente (anistia, vistos humanitários, solicitação de refúgio, regularizações extraordinárias), algumas vezes de forma subterrânea, sendo direcionados a setores marcados pela precarização. Grande parte desses imigrantes é empurrada, na verdade, para situação forçadamente indocumentada, significando uma maior exposição a diversos tipos de riscos e abusos e exploração no trabalho e

na vida cotidiana (preço de aluguéis, coiotes, dentre outros fatores). Enfim, trata-se de uma situação em que a provisoriedade se impõe ainda mais para o migrante, no sentido de colocá-lo em uma situação de indocumentação e expulsão.

Podem ser utilizadas, nesse contexto, expressões relativas à precariedade desse habitar urbano, como a expulsão das regiões centrais e melhor equipadas em processo de periferização, a provisoriedade como transitoriedade permanente, como o faz Raquel Rolnik, em estudo sobre a financeirização da moradia na atual etapa da globalização da economia, e expressa a insegurança habitacional de vastos contingentes populacionais sem acesso à moradia adequada nas cidades capitalistas contemporâneas.

Em um cenário urbano fragmentado e segmentado pelas iniciativas do mercado imobiliário e pelas ineficiências das políticas públicas quanto à oferta de soluções adequadas, tem-se um ambiente de segregação onde zonas de primeiro mundo, enclaves fortificados ocupados por elites que se auto-segregam, convivem com áreas desprovidas de equipamentos e serviços sociais, algumas em áreas centrais e degradadas, outras nas periferias abrigando moradores da precariedade, na pobreza, desempregados, nômades urbanos sem abrigo, imigrantes, enfim, pessoas em situação de fronteira, vulneráveis.

Mais que espaço físico, o território é espaço da memória, identitário, um lugar, impregnado de cultura, forma de comunicação dos residentes com seu entorno, com seu grupo, e permite a consciência da pertinência. Contemporaneamente, a par de certa homogeneização, trazida pela globalização, paradoxalmente acompanharam-na um “espetáculo de diferenças”, a “afirmação das etnicidades”. [...] Laços locais muito fortes convivendo com a unificação econômica, ou seja, novas nacionalidades, certa tribalização e, ainda, o lado obscuro do racismo que ainda não se apagou, mesmo após a forte lição do impacto da Segunda Guerra Mundial (VÉRAS, 2016, p. 187).

Uma cartografia social pode revelar, também, uma topografia da alteridade, na medida em que são considerados como “outros”, não-nós, aqueles que a desigualdade econômica banuiu de localizações urbanas de qualidade, assim como aqueles que por sua origem nacional, étnica e/ou cor, acabam segregados em territorialização perversa. No caso dos haitianos pesquisados em São Paulo, muitas vezes considerados “outros”, de origem cultural diversa da brasileira, negros, em um



país de herança escravocrata e racista, falando *kreyol* (*criolle*)⁴ ou francês, costumam encontrar relações preconceituosas e conhecem a sensação de não pertencimento, (re)inventando nova paisagem e território, buscando o reconhecimento de seus conterrâneos, e evitando serem olhados como estranhos. É desta forma que

A âncora de fixação no território é a moradia, razão pela qual determinamos este aspecto como fundamental na abordagem sobre haitianos em São Paulo. Seria a territorialidade da contingência possível por causa das redes de amigos, familiares e da conterraneidade, e que podem permitir a transposição das fronteiras limitadoras de sua inserção na nova sociedade

É preciso, pois, articular o papel da segregação urbana na produção da desigualdade e dominação sociais, a saber, ela é reflexo espacial da exclusão e inclusão subalterna dos segmentos pauperizados na cidade e também atua sobre isso. Evitando-se a simplificação feita algumas vezes das classes sociais como uma divisão binária entre “os mais ricos” e “os de baixa renda”, também a redução entre centro e periferia deve ser relativizada. Em São Paulo, Villaça (2011) aponta o quadrante sudoeste da cidade como abrigando as camadas sociais de mais alta renda, ele concentra parques, equipamentos culturais, infraestrutura adequada, escolas, universidades, baixa privação e menor vulnerabilidade social, centros empregadores de trabalho qualificado, menor número de homicídios, políticas de transporte público, melhores oportunidades para jovens e outros, e assim, muitos indicadores da qualidade urbana. A mesma fonte elenca nesse quadrante alguns bairros como Higienópolis, Pacaembu, Consolação, Jardins Paulista e América, Vila Mariana, Sumaré, Perdizes, Alto da Lapa, Alto de Pinheiros, Morumbi e assim por diante. Em contraste, a zona leste da cidade, como partes da zona norte e extremo sul, estão afastadas desse panorama, revelando a segregação residencial. Esse é o caso do bairro de Guaianases, que fica no extremo leste da cidade de São Paulo.

Se for utilizado outro indicador da desigualdade socioespacial, a questão da segurança pública, verifica-se que no município de São Paulo os distritos com maiores taxas de homicídios localizam-se nas regiões extremas da cidade. Entre elas, Guaianases faz parte das regiões endêmicas da violência, seja a oriunda da criminalidade ou da policial. Nessa ótica, importante frisar os estudos realizados pela Rede Nossa São Paulo, segundo a qual, por levantamentos realizados e publicados

⁴ *Kreyol* ou *Criolle* são formas diferentes de escrita de uma das línguas faladas pelos haitianos. No Haiti, tanto o francês quanto o *Kreyol/Criolle* são línguas oficiais do país. Tal língua é resultado da mistura de francês, inglês, espanhol, taino (língua indígena daquela região onde hoje encontra-se o Haiti) e línguas orientais africanas.

em 2016, dos homicídios juvenis ocorridos no município por 10 mil habitantes, Guaianases apresenta a cifra de 10,19, só perdendo para Campo Limpo (10,44). Os indicadores municipais são igualmente altos quando se referem a homicídios em geral, por 10 mil habitantes: Guaianases tem um indicador de 2,39, novamente precedido por Campo Limpo (2,45), e também Brás (3,92) e Marsilac (4,95). Resta citar ainda, com tais propósitos, que Guaianases aparece entre os trinta piores distritos em quarenta indicadores avaliados pelo *Mapa da Desigualdade* em 2016, sendo citado nessa condição em dezenove vezes.

Elencam-se diversas situações de precariedade na moradia, identificadas pela insegurança habitacional (remoções, expulsões, relegações) além da sua localização urbana, em grande parte motivadas pelo sentido de provisoriedade. A territorialidade dos imigrantes, formada pelos fluxos entre moradia e trabalho, quando não coincidentes no mesmo local, são lugares restritos, menos por eleição e mais pelas contingências já descritas, mas não devem impedi-los de contatos mais amplos pois isso pode estigmatizá-los. A respeito é sugestiva a fala de Wacquant: a estigmatização territorial origina entre os moradores estratégias sociofóbicas de evasão e distanciamentos mútuos e exacerba processos de diferenciação social interna, que conspiram no sentido de diminuir a confiança interpessoal e minar o senso de coletividade necessário ao engajamento na construção da comunidade e da ação coletiva. É nesse sentido também que a experiência de pesquisa ocorrida no bairro de Guaianases vem nos suscitar questões importantes a esse respeito.

GUAIANASES E SEUS (I)MIGRANTES

Até o final do século XVI, Guaianases e Itaquera foram bairros povoados por indígenas da etnia Guaianás, também conhecida como Guaianases. Surge daí o nome do bairro que tem uma profunda ligação com movimentos migratórios. No passado, o bairro periférico recebeu um grande número de migrantes europeus e de brasileiros de diversas partes do país, principalmente da região Nordeste. “Na dimensão humana, um dos tópicos esquecidos do planejamento urbano, o bairro caracteriza-se pelas crescentes migrações oriundas de todas as regiões brasileiras, inclusive de outras cidades do próprio estado de São Paulo”.



Compondo esse panorama, no século XVIII, destaca-se o momento em que se instaura a exploração do ouro do estado de Minas Gerais. Inicia-se, a partir de então, uma migração da população paulista na região:

Surge então o “Caminho dos Guaianases”, que no século XVIII fazia a ligação entre essas duas províncias através de uma viagem que levava até semanas e que tinham como primeiras paradas de descanso a região do Lajeado Velho (atual Guaianases) e Mogi das Cruzes. Cessado a exploração do ouro nas Minas, a mesma via continuará a ser utilizada como precária ligação entre a modesta capital paulista e a capital do país, então Rio de Janeiro.

As primeiras atividades econômicas registradas no bairro, no final do século XIX, foram o extrativismo mineral e vegetal, como também as atividades agrícolas. Várias famílias de migrantes compunham os afazeres dessas atividades. Em meados do século seguinte, a cidade de São Paulo passou por um grande desenvolvimento industrial que ocasionou no crescimento expressivo da construção civil. O aumento de extração de granito das pedreiras do Lajeado, tornou-se, desde então, uma atividade econômica muito importante para a região. Este processo está associado também ao fluxo de migrantes rurais em busca de trabalho nos centros urbanos, que foi extremamente significativo a partir dos anos de 1950/60, o que acarretou, por sua vez, em uma ocupação intensa das periferias. Esta ocupação deu-se “(...) sobretudo, mediante loteamentos populares e criação de favelas. Em geral, eram abertos loteamentos apenas arruados, sem qualquer infraestrutura e de difícil acesso. As condições geográficas do bairro, desde o início, foram importantes para consolidar a expansão de Guaianases e seus arredores, como por exemplo, a presença do rio Tietê e seus dois principais afluentes - Aricanduva e Guaiaó.

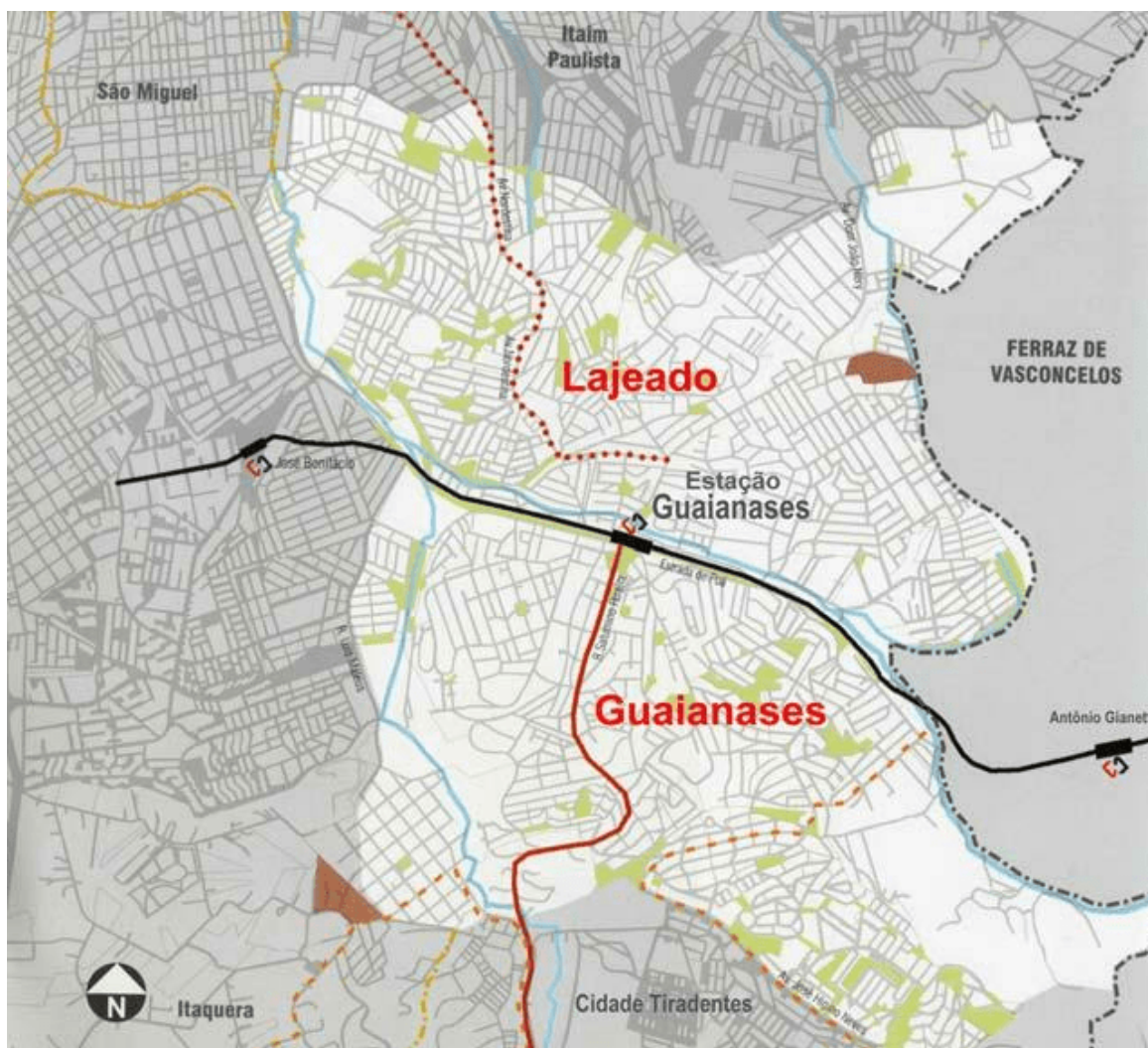
A instalação da linha férrea, no ano de 1875, foi determinante para concentrar um grande número de habitantes, caracterizando o local como um bairro dormitório. Ela também foi marcante para reordenar a concentração urbana, dividindo o bairro em dois: Lajeado Velho e Lajeado Novo (idem, 2007):

A partir de então, enquanto o núcleo original permanecia sem grandes transformações, o novo aglomerado conhecido como Lajeado Novo começou a apresentar um constante crescimento urbano com a chegada dos primeiros imigrantes estrangeiros através da ferrovia que, juntamente com as tradicionais famílias já existentes, ajudaram a fornecer alimentos e os materiais empregados na construção civil da cidade, em especial às indústrias e moradias dos bairros da Mooca, Brás, Belém, Bom Retiro e Pari. A importância da ferrovia para o desenvolvimento dos núcleos urbanos localizados em suas proximidades foi abordada por alguns autores sobre o tema de subúrbios-estação. Ou seja, quando era criada uma estação de trem na periferia da cidade, logo se constituía um ponto de convergência de trabalhadores e serviços fundamentais à vida urbana das áreas

circunvizinhas, surgindo desta forma o subúrbio-estação. Primeiramente, além de apresentar um modesto comércio e poucas residências, sua função principal era abrigar pequenas indústrias de transformação e beneficiamento de matéria-prima em produtos mais leves para serem transportados via ferrovia. Entretanto, quando a industrialização paulistana passa a exigir a ampliação do exercício industrial de reservas para que assim possa garantir uma maior acumulação através do rebaixamento salarial dos trabalhadores da periferia, o subúrbio-estação torna-se prioritariamente o local de moradia de grande parte da classe trabalhadora paulistana que, agora, passa a depender da ferrovia para se deslocar para seus empregos no centro da cidade e nas indústrias.

Por esta razão, o bairro se constituiu como um grande aglomerado da região leste da cidade, favorecido com a passagem da ferrovia Central do Brasil. Guaianases, atualmente, como podemos ver na figura a seguir, é dividido nos distritos de Lajeado e Guaianases:

Figura 2: Distritos de Guaianases e Lajeado



Fonte: Prefeitura do Município de São Paulo – Secretaria de Planejamento. Planos Regionais Estratégicos – PRE – Guaianases. Série Documentos – novembro de 2004 (p.28), apud Castilho (2007).

Figura 3: Estação de trem de Guaianases em 1958



Fonte: Acervo particular de Jorge Teixeira da Costa (apud CASTILHO, 2007)

Guaianases ainda hoje é um dos locais mais visados pelos imigrantes (de diversos países) que pretendem se estabilizar na cidade de São Paulo em razão de encontrar neste bairro periférico uma maior facilidade de conseguir moradia. Além disto, no que se refere ao estabelecimento de migrantes em Guaianases, podemos perceber que esta inserção está profundamente associada com o processo histórico de migração produzida no bairro. Os migrantes ocupam o território estabelecendo e conectando suas redes e, desta forma, alterando também suas noções de fronteiras, como apontado acima.

Importante ressaltar ainda que o bairro se torna ao longo do tempo um território de resistência que abriga diversas micro-Áfricas, segundo Silva:

Múltiplas, as micro-Áfricas constituíram-se a partir de “[...] grupos afros em determinados espaços sociais onde tiveram que reagrupar e redefinir práticas culturais herdadas dos descendentes de africanos diante do processo de urbanização da cidade de São Paulo.” (AZEVEDO, 2006, p.34). São verdadeiros territórios de resistência na “[...] luta para preservar e ressignificar suas expressões culturais [...]” (IBID, p.34), que insubmissos desobedecem “[...] limites estabelecidos do que deveria ser a cidade [...]” (IBID, p.34), produzindo “[...] formas de sociabilidade e sensibilidade que expressam a cultura dos afro-paulistas de modo difuso [...]” (IBID, p.24), mas também de



outros grupos negros alocados na urbe. Pensar em micro-Áfricas é também desprender-se de lentes singularizadoras e homogeneizadoras das experiências culturais dos grupos negros, olhar suas miudezas e conclamar suas multiplicidades. Entendendo que estas nos possibilitam pensar e compreender as resistentes memórias negras do bairro de Guaianases, no desafio da busca por pormenores, o comumente despercebido, as microconjunturas, o simples, o corriqueiro, o que é aparentemente desimportante, mas capaz de lançar luzes sobre as profundezas do viver, tomamo-las como conceito norteador .

A combinação de marcadores de origem, raça, classe e gênero vão impondo condições segregadoras aos migrantes nas territorialidades das grandes cidades. Há de se notar também que os deslocamentos de tais pessoas produzem paradoxos entre o global e local, que refletem elementos provincianos e nacionais perceptíveis nos centros urbanos globaliza.

Os debates de alteridade e da multiculturalidade estão estreitamente vinculados aos de territorialidades, principalmente nas dimensões que envolvem os marginalizados do campo, da floresta e da cidade, na sua dimensão de periferização, em relação às condições de cidadania. A seguir, veremos como se compõem os processos subjetivos e simbólicos de alteridade e como eles se apresentam na vida urbana entre imigrantes de Guaianases.

PIERRE: CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADES E ALTERIDADES⁵

Conhecemos Pierre em 2017. Ao saber que existia um grupo de voluntários que ministrava aulas de português para migrantes em Guaianases, veio apresentar-se ao Coletivo Conviva Diferente⁶ para cooperar no encaminhamento de estudantes para o projeto. Ele não precisava de aulas porque já falava bastante bem português. Além de francês e *kreyol*, domina também espanhol por conta dos dois anos que morou na República Dominicana para fazer um curso de eletricista. Nossa conversa aconteceu na biblioteca municipal Cora Coralina, perto da estação de trem de Guaianases, local onde já realizamos algumas das aulas e eventos do Coletivo.

⁵ Nome fictício a pedido do entrevistado. Todas as questões éticas de pesquisa foram devidamente observadas nesse relato de campo.

⁶ O Coletivo Conviva Diferente é um grupo independente e multidisciplinar atuante, desde outubro de 2014, na garantia de direitos de imigrantes que compõem o novo fluxo migratório na cidade de São Paulo. Para maiores informações, acesse a página do [Conviva Diferente](#) no Facebook.



Encontramos Pierre na estação de trem de Guaianases, num domingo de janeiro de muito calor.

Ao longo dos trajetos que percorremos, vários haitianos e haitianas o cumprimentavam pelo caminho. O culto havia acabado, por isso estávamos encontrando as pessoas que tinham ido à igreja Baptista Haitiana de Guaianases, uma vez que a biblioteca é caminho para a igreja. Alguns paravam e trocavam palavras em *kreyol* com ele. Outros se arriscavam e estendiam os cumprimentos em português para mim. “*Todos os haitianos daqui me conhecem*”, rapidamente me assegura ele. E, de fato, ele conhecia muitos conterrâneos, pude notar que igualmente conhecia/cumprimentava migrantes de Camarões, República Democrática do Congo e Nigéria.

Pierre descreve que veio ao Brasil porque o país era considerado um “*bébé des tigres*”, um país que se desenvolveu rapidamente, traduziu. Chegou aqui em abril de 2015. Sua trajetória não fugiria à regra: do Haiti comprou passagem para o Equador, depois de uma semana em Quito, partiu para o Peru, onde pousou por três noites antes de seguir viagem por via terrestre. Entrou no Brasil pelo Acre, e ficou em Rio Branco dois a três dias, apenas para retirar o número de protocolo e o CPF. Seu destino era vir para São Paulo, depois resolveria as outras documentações pendentes. Pierre não era o único haitiano que se encontrava no ônibus do trajeto do Peru ao Brasil, pelo contrário, encontrou muitos haitianos ao longo do percurso. Dois jornalistas brasileiros, que também estavam no ônibus, foram os que os ajudaram ao chegarem no terminal da Barra Funda, pois muitos deles não sabiam para onde ir ou quem contatar. Pierre era um deles. Mas com a ajuda dos brasileiros, os haitianos foram encaminhados para a Missão Paz. Pierre ficou apenas por uma noite na Casa do Migrante, não gostou do ambiente, contou-me que estava muito sujo, visto que, havia muita gente abrigada naquele momento.

“Sorte” foi a sua ao caminhar pelas ruas do Cambuci, bairro próximo à Missão Paz, e encontrar por acaso um amigo de infância. Seu amigo morava na região, na rua do Lavapés, e estava trabalhando como pedreiro. Em seguida o convidou a morar com ele até conseguir um trabalho e seu próprio espaço. Pierre morou com seu amigo por mais ou menos três meses, até conseguir trabalho com carteira assinada. Porém, essa “sorte” de ter encontrado seu amigo no bairro está intimamente atrelada a fatores étnicos, territoriais e laborais:



Em São Paulo, os imigrantes haitianos são admitidos sobretudo nos setores da construção civil (serventes de obra) e de alimentação e restaurantes. As mulheres haitianas ocupam predominantemente postos de cozinheiras em restaurantes e faxineiras em estabelecimentos terciários. São elas as maiores responsáveis por dois fenômenos sociais característicos da migração haitiana em São Paulo: a formação de um território étnico a partir de sua concentração em um espaço público físico apropriado e vivido e as manifestações, nestes espaços, de práticas transnacionais. O principal desses espaços é a Baixada do Glicério.

Amigos lhe indicaram o bairro de Guaianases para morar por conta dos baixos custos com moradia, bem como por já existir uma comunidade grande de haitianos no bairro. Ao chegar ao local de sua nova morada, Pierre brevemente se aproximou do pastor Fristly e da comunidade que frequenta a igreja Batista de Guaianases. Relata-me que cresceu dentro de uma congregação internacional e, por isso, é bom em realizar obras sociais. “Tem pessoas que leem, mas não sabem o que leem, e tem pessoas que tem espaço para falar mas não tem o poder da palavra. Eu sei o que falar. Sou conhecido porque os haitianos me vêm nas obras sociais”, explicou.

Figura 4: A igreja “The Lord's Message Ministry” e o bar Blessed Ekeson.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2019).



Pierre conheceu outras igrejas de Guaianases. Haitianas, brasileiras e africanas. “Conheço por curiosidade, mas não sigo nenhuma delas. Na igreja nigeriana cheguei até cantar junto”, nos informou com certo contentamento. Porém, manter uma determinada aproximação com a comunidade nigeriana não significa necessariamente que a relação é estreita. Ele me conta que preserva uma boa relação com nigerianos, mas não confia neles porque não os conhece de verdade. Essa mesma desconfiança ele identifica com os vizinhos camaroneses.

As igrejas haitianas e africanas são os primeiros espaços que percebemos possibilitar sociabilidades entre migrantes de diversos países, são eleitas por eles como espaços importantes, pela criação de vínculos que estabelecem, pelo papel comunitário que promovem e pelo sentimento de pertencimento que proporcionam. São espaços que, segundo conceito formulado por Appadurai (2004), os denominaremos de etnopaisagens. Assim sendo, as etnopaisagens, conforme o autor, viriam a ser esses espaços de reprodução social e cultural. Diz ele:

(...) Como os grupos migram, refazem em novos locais, reconstroem, a sua história e reconfiguram os seus projectos étnicos, o etno de etnografia assume um carácter esquivo, não localizado, a que as práticas descritivas da antropologia terão que responder. As paisagens da identidade de grupo as etnopaisagens - de todo o mundo já não são objetos antropológicos familiares, na medida em que os grupos já não são rigorosamente territorializados, delimitado espacialmente, historicamente assumidos ou culturalmente homogêneos. Temos menos culturas no mundo e mais debates culturais internos.

À vista disso, por etnopaisagem considerarmos os lugares marcados por características culturais indicativas de identidades, onde determinados grupos de migrantes elegem se sociabilizar, e negociam seus espaços de pertencimento com outros grupos de migrantes e com a sociedade envolvente. O prefixo *etno* atribui justamente a questão cultural ao redor de uma identidade étnica em comum. Assim, a sociabilidade espacial está diretamente relacionada com a negociação do pertencimento dessas comunidades e com os acordos que constroem a partir de suas redes, dado que as etnopaisagens no mundo globalizado são altamente interativas. A etnicidade quando deslocada de seu ambiente “natural/rural” para centros urbanos não transporta consigo sua forma originária, mas uma nova construção precisamente urbana, híbrida, complexa. Essa complexidade encontrada nas realidades situacionais, no caso aqui analisado, no bairro periférico de Guaianases, onde podemos encontrar uma diversidade de migrantes de diferentes países, necessita,



cada vez mais, uma abordagem de identidades locais. Para justificar seu sentimento de desconfiança com nigerianos e camaroneses, Pierre revela que os haitianos são desconfiados de um modo geral. Desconfiamos dos estrangeiros e dos brasileiros também. É algo cultural, acrescenta.

Segundo Evans-Pritchard, fundador da concepção da antropologia situacional, a partir de seu estudo sobre o povo Azande, explica-nos como os sujeitos ou grupos étnicos constroem lógicas de classificação e julgamentos, que operam não como um todo, mas em fragmento, a depender do contexto onde estão inseridos. Ao expressar descrença a todos, Pierre, demonstra-nos como essa desconfiança é indiscriminada (até mesmo contraditória) e relacionada a todas as outras nacionalidades, que não a haitiana. A desconfiança pode ser pensada como uma sensação gerada pela própria situação migratória que vive, onde é difícil acreditar nas pessoas que, num primeiro momento, não compactuam com seus valores identitários. De acordo com Agier, “toda identidade, ou melhor, toda declaração identitária, tanto individual quanto coletiva (mesmo se, para um coletivo, é mais difícil admiti-lo), é então múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada mais como uma busca que como um fato”.

Ao adentrar nessa questão cultural, Pierre, continua a contar que é muito raro, por exemplo, ver haitianos casando com outras pessoas que não haitianas. Mais difícil ainda é ver uma mulher haitiana casar com um “gringo” ou um brasileiro. Essa mulher seria considerada como uma “*moun fini*”, expressão em *kreyol*, que, nas palavras dele, significa “uma pessoa imprestável, alguém que ninguém mais quer”. Entendo que sua tradução viria a se aproximar também da expressão que utilizamos quando uma pessoa está “no fundo do poço”.

De acordo com Barth, o modo como os grupos se organizam política, econômica ou culturalmente é o que concebe a noção de etnicidade, da qual é um processo inacabável, pois os sujeitos se identificam e são identificados pelos outros pela oposição “nós e eles”, marcados com base em uma origem comum e engrandecidos pelas interações culturais. As identidades formam-se por intermédio de momentos importantes nos quais são construídas as argumentações, interesses, sentimentos, valores, crenças e propostas coletivas diferentes das vigentes, isso quer dizer que todos esses instrumentos auxiliam esses sujeitos a transferir as suas experiências em um posicionamento de pertencimento a uma mesma rede de



identificação. Os processos identitários são sempre relacionais, não existem se não estiverem dentro de um contexto que proporcione a ideia de relatividade entre “nós e eles”. Para os indivíduos pensarem sobre suas próprias identidades é preciso analisar-se por meio de outros olhares, olhares dos “de fora”. Os centros urbanos e globalizados, ao multiplicarem a reunião de pessoas de diferentes partes do planeta, são considerados fontes de conexões e de complemento dos processos identitários, dado que, cada indivíduo traz consigo suas regionalidades, etnicidades e redes de relação. O autor argumenta que as construções identitárias podem ser construídas em diferentes bases:

A coisa em jogo pode ser, por exemplo, o acesso à terra (caso em que a identidade é produzida como fundamento das territorialidades), ao mercado de trabalho (quando as identificações têm um papel de exclusão, de integração ou de privilégio hierárquico) ou às regalias* externas, públicas ou privadas, turísticas ou humanitárias (e as identidades podem ser os fundamentos do reconhecimento das redes ou facções que tomam para si essas regalias). O que está em jogo é sempre passível de ser detectado na pesquisa empírica contextualizada, aprofundando caso por caso o conhecimento de tudo o que cerca a questão identitária, constituindo então a parte mais relativa da identidade, aquela que se nota quando as identidades são consideradas como processos localizados, datados, mas que desaparece quando se fala das identidades como produtos já dados.

Segundo essa abordagem, o lugar de pertencimento é então uma estratégia de poder de construção de identidades e alteridades. Neste caso, os marcadores da diferença constituídos pelos “*moun fini*” e os “*não moun fini*” não estão atrelados às nacionalidades ou às etnicidades, mas a uma certa forma de ser e estar no mundo. Outros exemplos que Pierre nos apresenta para descrever uma pessoa “*moun fini*” seriam os jovens e as mulheres que fumam. Mulher haitiana que fuma só pode ser duas coisas: ou é prostituta ou é viúva. E os haitianos não querem saber de nenhuma das duas, afirma ele. Enquanto caminhávamos pelo bairro, Pierre assinalava aqueles que para o seu entendimento seriam os “*moun fini*”. Passamos por uma república haitiana, onde estavam sentados alguns haitianos perto do portão da casa. Pierre os cumprimenta e me diz: “Esses todos são ‘*moun fini*’. As famílias deles no Haiti nem querem que eles voltem para casa. Preferem que fiquem por aqui mesmo”.

Segundo Mauss, a noção de indivíduo está em poder se diferenciar dos outros seres e depois daqueles que são nossos semelhantes. Os mecanismos de interação e os processos de organização entre os sujeitos permitem realizar construções de diferentes identidades. As identidades e as diferenças passam a ser relacionais, o



exemplo trazido por Pierre demonstra que existem os rearranjos no campo social que produzem condições sociais diversas, criando especificidades que surgem de experiências cotidianas e interações entre os sujeitos que modificam e molduram o contexto histórico-social vivido.

A construção dos pertencimentos locais e globais passam a coexistirem cotidianamente e em diversos espaços. A mistura intercultural, essa negociação de pertencimentos, identifica e destaca as diferenças, e, por sua vez, as alteridades. Os migrantes, principalmente, negros haitianos e africanos são, predominantemente, pessoas que sofrem exclusões de diversas ordens e em diversos espaços das cidades globalizadas. As paisagens étnicas e transculturais vão marcando esses processos de deslocamentos, de exclusões, como também das negociações de pertencimentos como modo de estabelecer diferenciações, alteridades e resistências. O elemento local dá espaço na construção de outras narrativas que pouco são conhecidas e aprofundadas. Guaianases torna-se um local que conecta diversas etnicidades que ativa memórias do passado com experiências em negociação no presente.

Quando passávamos perto de um bar nigeriano, Pierre alerta-me que perto daquela esquina era um ponto de tráfico de nigerianos, mas agora fecharam o local e abriram uma drogaria no seu lugar. Aquele era um *point* dos “*moun fini*”, indica ele. Ao se aproximar de igrejas e migrantes de outras nacionalidades, Pierre introduz um processo de interlocução que é negociada conforme seus interesses, pois ora é importante ser reconhecido pelos “outros”, no caso dele, por sua atuação em obras sociais, ora é importante marcar a diferença com aqueles dos quais não gostaria de ser confundido, seja pelos diferentes motivos que os levaram a migrar, seja pelo envolvimento de alguns migrantes ou grupos de migrantes em tráfico de drogas ou outros atos ilícitos. Noto, não apenas neste caso, mas no decorrer da minha atuação com migrantes, que há uma preocupação por parte de alguns haitianos e africanos de diferentes países para não serem confundidos com os migrantes nigerianos, por estes carregarem uma estigmatização ao, em seguida, serem rotulados como falsificadores de documentos, traficantes de drogas ou operadores de golpes internacionais de diversos tipos.

Seguimos nossa caminhada para ver se conseguíamos falar com um dos seus contatos da República Democrática do Congo. Paramos num salão de cabeleireiro haitiano para ver se ele estava por lá. “O salão é novo”, explica-nos o proprietário,



“completamos um mês hoje”, acrescentou com um largo sorriso. No salão vende-se também salgadinhos, utensílios de limpeza entre outras coisas. O amigo de Pierre não estava no local, mas o primo do rapaz disse que ele viria em breve. Acabamos por encontrá-lo no caminho. Muito simpático, o rapaz imediatamente apresentou-se e falou conosco em português. Disse-nos que estava vendo a possibilidade de trabalhar no Rio de Janeiro por alguns meses, se lá estiver melhor, levaria sua família, que está junto com ele agora em São Paulo. Mas como o rapaz congolês estava com pressa, nos despedimos com o convite de voltarmos a nos ver novamente. Logo em seguida de partirmos, vimos que se anunciava uma daquelas chuvas torrenciais típicas de verão, Pierre, então, acompanhou-me até a estação de trem e seguiu para casa antes que o pé d'água o alcançasse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como bem observou Sassen, diante de um mundo cada vez mais desigual, as dinâmicas globais provocam “pobreza extrema, deslocamento em massa, desastres ambientais e conflitos armados que criaram níveis de expulsão social nunca vistos antes”. Dessa forma, o imigrante surge como o polo mais vulnerável desse panorama - agravado pelas concepções de diminuição do Estado e de políticas públicas inclusivas -, e a economia global não apresenta condições de absorção da massa de deslocados, que assumem, pois, um papel excedente nos países de recepção. Ao ouvirmos, pois, relatos individuais, estamos conhecendo narrativas comunitárias, porque se entrelaçam os percursos e trajetórias de um sujeito às histórias e acontecimentos, formas culturais de uma nação ou de algumas classes sociais de todo um povo.

A nova territorialização não se faz sem alguns conflitos, preconceitos e discriminação. Os imigrantes que chegam mais recentemente ao país acabam por habitar em locais segregados, periféricos, embora muitas vezes as redes de familiares, conterrâneos possam garantir-lhe atendimento de necessidades, solidariedade e sociabilidade. Conhece a cidade ao conhecer também fronteiras, simbólicas, mas eficazes na rejeição e no afastamento. Nesse sentido as reflexões de Sayad se aplicam à perspectiva do morar provisório, pois o imigrante sente que sua presença no Brasil é também provisória, e aceita assim como temporário, o



aluguel, a coabitação, a falta de conforto, a insegurança, o risco da nova expulsão. Esse é o caso dos haitianos que habitam hoje a cidade de São Paulo e suas periferias, territoriais e simbólicas.

Os imigrantes são, portanto, como estranhos à nossa porta, e como se tem afirmado, moradores da alteridade radical, o outro-estranho ou *outsiders*. Por isso, ganham destaque no ancoramento desses estrangeiros na cidade, os aspectos ligados ao território, ao “pedaço” que ocupam, ao lugar, à dialética identidade/alteridade. Como nos disse Milton Santos: “cada homem vale pelo lugar em que está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território. Nessa dinâmica social segregar, excluir e relegar os contingentes considerados estranhos, invasores, compõem um recurso perverso criando fronteiras para “marginais”, mendigos, moradores das ruas ou das periferias, mulheres, migrantes, negros em diversas categorizações do di. Esse imaginário dominante subordina o indivíduo “estabelecido” levando-o a ver o “outro-excluído” como um perigo à sua integridade física e moralmente maléfico à sua comunidade. Produz-se a imagem de não cidadão que aumenta a vulnerabilidade desse sujeito em relação ao trabalho e à moradia, sem direitos, patologizado linguisticamente, sob fronteiras étnicas, econômicas e culturais, lançado à subalternidade.

Viver na fronteira é habitar ao mesmo tempo um cenário de dor da frustração e de esperança, a transição que une e separa, marcando a diferença e a igualdade, simultaneamente o poder e a resistência, criando novos espaços. Ela representa o avanço ou o retorno, impede colisões, potencializa novas identificações, viabiliza o transnacional alternativo; em outro aspecto, não resolve as questões de uma cidadania plena, exige opções cruéis, de um ou de outro lado. No país de recepção, os imigrantes permanecem sem a posse de direitos plenos, muitas vezes indocumentados, sem acesso a políticas públicas como saúde e moradia e sem seus direitos trabalhistas. No panorama da precariedade, entretanto, não é raro encontrar imigrantes que se mobilizaram para solucionar a questão da moradia participando de grupos de acolhida, movimentos de luta e organizações e associações que promovem mesas de debates, palestras e passeatas com a chamada de conquista de direitos para esses estrangeiros. Em meio a tantas contradições e ambiguidades, ainda há caminhos para o pertencer. E o futuro atestará isto, da mesma forma como aqueles que outrora chegaram fazem parte do Brasil que reconhecemos hoje.



REFERÊNCIAS

ACNUR (AGÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS). *Legislação*. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/acnur-no-brasil/legislacao/>>. Acessado em: 20 abr. 2019.

AGIER, Michel. Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização. *Mana*, v. 7, n. 2, p. 7–33, out. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-93132001000200001&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acessado em: 21 abr. 2019.

APPADURAI, Arjun. Etnopaisagens globais: notas e perguntas para uma antropologia transnacional. In: *Dimensões culturais da globalização*. Lisboa: Teorema, 1996. p. 71–93.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa do meu pai: A África na filosofia da cultura*. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ARAÚJO, Adriano Alves de Aquino. *Reve de Brezil: a inserção de um grupo de imigrantes haitianos em Santo André, São Paulo - Brasil*. 2015. Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas e Sociais – Universidade Federal do ABC - UFABC, Santo André, 2015.

AZEVEDO, Amailton Magno; SILVA, Sheila Alice Gomes da. Discursos e Narrativas Sobre o Passado: o bairro paulistano de Guaianases em representações no tempo presente. *Cadernos do Tempo Presente*, v. 0, n. 18, 6 jan. 2015. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/3296>>. Acessado em: 18 maio 2019.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, PHILIPPE; STREIFF-FENART, JOCELYNE. *Teorias da Etnicidade*. (Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth). Tradução Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 187–227.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade dos muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CASTILHO, Edimilson Peres. *A praça dos trabalhadores de Guaianazes: periferia de São Paulo*. 2007. 137 f. Dissertação de Mestrado em História – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://tede2.pucsp.br/tede/handle/handle/13029>>. Acessado em: 17 maio 2019.

CONARE (COMITÊ NACIONAL PARA OS REFUGIADOS); SNJ (SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA). *Refúgio em Números - 3ª Edição*. Apresentação, nº 3. Brasília: Secretaria Nacional de Justiça (SNJ); Ministério da Justiça, 2018. Disponível



em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numericos_1104.pdf>. Acessado em: 17 jan. 2019.

COTINGUIBA, Marília Lima Pimentel; COTINGUIBA, Geraldo Castro. Rondônia, um estado de fronteira na Amazônia ocidental brasileira: fluxos migratórios do passado e a imigração haitiana no início do século XXI. *Revista Territórios e Fronteiras*, v. 8, n. 2, p. 45–65, 2015. Disponível em: <www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/459>.

Acessado em: 18 maio 2019.

COURY, Paula; MILESI, Rosita. Apresentação. Caderno de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania, Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos, v. 12, n. 12, 2017.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Estabelecidos e Outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Tradução Eduardo Viveiros De Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FERNANDES, Duval; CASTRO, Maria da Consolação Gomes De. A migração haitiana para o Brasil: resultado da pesquisa no destino. In: OIM (ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES). *La migración haitiana hacia Brasil: Características, oportunidades y desafíos*. Cuadernos Migratorios. Buenos Aires: OIM, 2014. p. 51–66.

FERNANDES, Duval; FARIA, Andressa Virgínia De. O visto humanitário como resposta ao pedido de refúgio dos haitianos. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 34, n. 1, p. 145–161, abr. 2017.

GRAHAM, Stephen. *Cidades Sitiadas: O Novo Urbanismo Militar*. São Paulo: Boitempo, 2016.

HARVEY, David. *A justiça social e a cidade*. São Paulo: Hucitec, 1980.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, v. 26, n. 1, p. 61–73, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-20702014000100005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acessado em: 18 dez. 2018.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires; BÓGUS, Lúcia Maria Machado; BAENINGER, Rosana. Migrantes haitianos e bolivianos na cidade de São Paulo: transformações econômicas e territorialidades migrantes. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 26, n. 52, p. 75–94, abr. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1980-85852018000100075&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acessado em: 10 abr. 2019.



MARQUES, Eduardo. Elementos conceituais da segregação, da pobreza urbana e da ação do Estado. In: MARQUES, EDUARDO; TORRES, HAROLDO (Org.). *São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais*. 1. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2005. Disponível em: <www.editorasenacsp.com.br/portal/produto.do?appAction=vwProdutoDetalhe&idProduto=20223>. Acessado em: 18 maio 2019.

MARTINS, José de Souza. *A chegada do estranho*. São Paulo: Hucitec, 1993.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974. v. II.

MORAES, Isaias Albertin De; ANDRADE, Carlos Alberto Alencar de; MATTOS, Beatriz Rodrigues Bessa. A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios. *Conjuntura Austral*, v. 4, n. 20, p. 95–114, 1 nov. 2013. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/35798>>. Acessado em: 20 jan. 2019.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES (OIM); INSTITUTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS EN DERECHOS HUMANOS DEL MERCOSUR (IPPDH). *Diagnóstico regional sobre migración haitiana*. Caba (Argentina): [s.n.], 2017. Disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/diagnostico_regional_sobre_migracion_haitiana.pdf>. Acessado em: 17 jan. 2019.

REDE NOSSA SÃO PAULO. *Mapa da Desigualdade de 2016*. São Paulo: Rede Nossa São Paulo, 2016. Disponível em: <www.nossasaopaulo.org.br/arqs/mapa-da-desigualdade-completo-2016.pdf>. Acessado em: 8 abr. 2019.

ROLNIK, Raquel. *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Livraria Nobel, 1987.

SASSEN, Saskia. *Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global*. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

SENNET, Richard. *O declínio do homem público: As tiranias da intimidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

SILVA, Sheila Alice Gomes Da. *Negros em Guaianases: cultura e memória*. 2016. 146 f. Dissertação de Mestrado em História – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://tede2.pucsp.br/tede/handle/handle/12907>>. Acessado em: 30 abr. 2019.



VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. A nov(a) (c)idade do gelo: notas perplexas sobre os novos nômades urbanos. *São Paulo em Perspectiva*, Fundação Seade, v. 9, n. 2, p. 10–19, 1995.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. A Produção da Alteridade na Metrópole: Desigualdade, Segregação e Diferença em São Paulo. In: DANTAS, SYLVIA DUARTE (Org.). *Diálogos Interculturais: Reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2012.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. Dimensões sociais das desigualdades urbanas: moradias da pobreza, segregação e alteridade em São Paulo. *Revista Brasileira de Sociologia - RBS*, v. 4, n. 7, p. 175–210, 1 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.sbsociologia.com.br/rbsociologia/index.php/rbs/article/view/185>>. Acessado em: 19 maio 2019.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. Os Impasses da Crise Habitacional em São Paulo ou os Nômades Urbanos no Limiar do Século XXI. *Revista São Paulo em Perspectiva, Menor e Habitação*. Fundação Seade, v. 1, n. 1, p. 40–58, abr. 1987.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. Territórios e fronteiras da alteridade na metrópole no século XXI: análise da presença de latino-americanos em São Paulo. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; AVELINO, Yvone Dias (Org.). *Deslocamentos: desafios, territórios e tensões (passado e presente nas Tessituras das Cidades)*. São Paulo: e-Manuscrito; PiPEq, 2018.

VILLAÇA, Flávio. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. *Estudos Avançados*, v. 25, n. 71, p. 37–58, abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-40142011000100004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acessado em: 19 maio 2019.

VILLEN, Patricia. *(In)visíveis globais: imigração e trabalho no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018.

WACQUANT, Löic. *Os condenados da cidade*. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

Recebido em: 19/05/2019

Aprovado em: 20/02/2020